

A biblioteca escolar e a atual pedagogia brasileira

Inácia Rodrigues dos Santos

Biblioteca da Câmara dos Deputados
e
Fundação Educacional do Distrito Federal
Brasília, DF

Resumo – Estando superado o conceito tradicional de que a biblioteca escolar seria um depósito de livros para suplementar o programa de estudos, sua função passa a ser a de um centro de informação e cultura, onde se inclui o processamento e a utilização dos mais diversos tipos de documentos e recursos audiovisuais. Essa nova função, no entanto, ainda é ignorada no Brasil, estando muitas bibliotecas escolares, das poucas que existem, funcionando de maneira precária. Para que a biblioteca escolar se integre no ensino preconizado pela nova pedagogia, o bibliotecário deverá transformar-se num verdadeiro especialista da pedagogia da pesquisa e da leitura e capaz de se entrosar e colaborar com os diferentes especialistas da Educação.

O sistema escolar tem por objetivo a atividade educativa onde o estudante se engaja no processo de sua formação e ao ritmo de sua capacidade de progressão. As atividades de aprendizagem e o ritmo de maturação são os componentes que regem o sistema escolar. A definição de todas as outras funções escolares decorre destas. Assim, pois, a elaboração dos meios para a realização do objetivo das atividades educativas será consequência deste objetivo. Os planos de uma construção escolar, o emprego dos instrumentos pedagógicos, a organização dos programas são os meios realizados em função da atividade educativa, a qual é o desenvolvimento da pessoa do aluno e o alargamento de sua cultura.

Esta forma de educação tende a facilitar um trabalho de libertação interior, tenta desenvolver a consciência interna da auto-educação. A aquisição deste método de trabalho, que permite um desenvolvimento cultural pessoal, é talvez mais importante que a soma de todos os conhecimentos adquiridos.

Na filosofia educacional brasileira, aprendizagem se define como “um processo dinâmico, de dentro para fora, envolvendo globalmente o indivíduo em que se passa a modificação do comportamento” (3). Por isso

o educador não pode agir em função de um determinado fim, quando estaria contrariando a auto-realização do aluno; por isso o professor deve estar não só a par dos conhecimentos relativos à sua especialidade, mas também dos referentes à filosofia da educação. Só assim estaria apto a orientar a escola em função da vida da comunidade. Aí, na comunidade, atuam a todo momento duas palavras-chave: ciência e tecnologia.

Daí afirmarmos que na atual pedagogia a atividade educativa se faz num caráter interdisciplinar, envolvendo ao mesmo tempo a ciência, a tecnologia, a arte, e tudo aquilo que venha a atuar num contexto comunitário. Assim, pois, tal atividade se processa de uma forma abrangente, tendo igual valor a atuação na classe e a atividade extraclasse realizada pelo aluno. Do exposto, concluímos que o estudante, do primeiro, segundo ou terceiro graus, deve não somente ser um receptor de conhecimentos, mas também tornar-se, dia a dia, capacitado à iniciativa, ao dinamismo e ao desenvolvimento de sua própria criatividade.

A atividade educativa se acentua sob esse dinamismo, essa iniciativa e sob o senso de responsabilidade. Os fatores externos ao educando, tais como professores, equipamentos, programas, regimes pedagógicos, etc., constituem fontes importantes e necessárias, mas ocupam o segundo plano naquela atividade. Portanto, o estudante é o agente principal de sua própria educação, ao passo que o professor coopera, participa e o guia.

Para que se desenvolva este processo é necessário que tanto aluno como professor tenham os instrumentos de pesquisa ao seu dispor. Estes instrumentos se constituem, basicamente, da documentação concentrada na biblioteca da escola.

Felizmente já está superado o conceito tradicional de que a biblioteca escolar seria o depósito de livros que suplementava um programa de estudos. Atualmente tem-se transformado num centro de informação e de cultura a serviço da comunidade escolar, e como tal deve oferecer aos alunos e professores um conjunto de auxiliares educativos que poderiam ser classificados da seguinte forma (5):

- 1) documentos impressos (manuais, obras de referência, livros de leitura e periódicos);
- 2) documentos gráficos (cartas, fotografias, etc.);
- 3) documentos de projeção (diapositivos, diafilmes, transparências, microtextos);
- 4) documentos sonoros ou transmissíveis (discos, rádio, televisão, etc);
- 5) fontes comunitárias – naturais, humanas e sociais;
- 6) documentos programados (máquinas de ensino).

Do exposto, nota-se a grande tendência em centralizar (e muitas bibliotecas já o fazem) num mesmo serviço aquilo que em nossas escolas funciona como dois setores diversos: a biblioteca e o serviço de audiovisuais. Afirma a bibliotecária Janina Klara Szpakowska que as novas fontes de documentação (os serviços audiovisuais) deveriam ser integrados à biblioteca e confiados ao bibliotecário escolar “o especialista em documentação pedagógica” (4).

O bibliotecário que deseje levar a cabo suas funções, de maneira satisfatória, deverá manter relações com os demais serviços da escola e, principalmente, com sua direção. Mas, para se compreender bem estas relações, seria necessário fazer duas análises: primeiro, situar rapidamente o estado atual da biblioteca e do bibliotecário no nosso meio escolar; segundo, fazer-se a projeção do que esta instituição e este personagem deveriam ser dentro de uma pedagogia moderna (1).

O que é o bibliotecário dentro de nosso meio escolar? A maioria dos professores, diretores de escolas, e outros especialistas educacionais jamais conheceram, por experiência própria, o que seria uma verdadeira biblioteca escolar integrada ao ensino. O conceito novo de biblioteca, e ela com suas complexidades pedagógicas e administrativas, é muito recente no corpo docente das escolas e no magistério em geral. Nós mesmos, bibliotecários, poderíamos dizer que praticamente não tivemos ocasião de utilizar bibliotecas durante o nosso tempo de escola primária e média. As mesmas, concordaríamos, só têm sido ventiladas, programadas e montadas numa época relativamente recente.

Há muitas escolas, tanto de primeiro como de segundo e terceiro graus, ainda desprovidas de bibliotecas. Muitas das que existem funcionam de forma completamente precária (e, no Distrito Federal, nem se fala), instaladas em salas de recreação, em corredores do pátio escolar, e até em vestiários. Encontramo-las — as coleções de livros — também fechadas em armários, no fundo da sala do diretor da escola, ou na secretaria escolar.

Que bibliotecas são estas? Que uso pode ter o aluno de um material “escondido” na sala do diretor? Como, então, conseguir formar no aluno o hábito do uso da biblioteca? Estaria o mesmo, nestas condições, apto a satisfazer sua curiosidade nos livros de sua escola? Saberá ele, no futuro, escolher suas próprias leituras?

Do ponto de vista pedagógico, a biblioteca escolar não alcançou ainda o seu lugar ao sol. Ainda não foi incorporada às atenções primordiais do corpo docente. Continua sendo qualquer coisa de marginal ao ensino, uma distração para as horas de folga e para o fim de semana — “um serviço vago da boa leitura”. A maioria dos professores jamais pôs os pés na biblioteca de sua escola, nem a ela acompanhou seus alunos, aproveitando o horário da biblioteca para repousar ou tomar um café na sala dos professores.

Nesse contexto o bibliotecário é sempre um professor adoentado que perdeu a capacidade de ensinar, é o secretário da escola, ou até mesmo um dos funcionários culturalmente menos aptos. Funciona, assim, a biblioteca como um mero local onde se emprestam os livros de forma precária e desorganizada, incorrendo ainda no perigo de desvio do pouco material bibliográfico existente.

“Mesmo em regiões onde as bibliotecas são organizadas funcionalmente (com o local apropriado, mobiliário adequado, as coleções de livros variados, catalogados, um bom número de pessoal profissional, etc.) o bibliotecário é, na maioria dos casos, um personagem sem estatuto profissional, social e econômico definido” (4).

Como poderiam o bibliotecário e a biblioteca se imbuírem no espírito da escola ativa?

Modernamente, como já foi dito, a biblioteca é o laboratório geral do ensino, o pivô de todo o sistema escolar. A biblioteca escolar deve ser instrumento pedagógico onde os professores possam preparar, cotidianamente, suas lições, devendo ser abrangido um conteúdo além do livro texto (se é que algum professor ainda se utiliza deste método de ensino), desencadeando na pesquisa, na leitura, no desenvolvimento do trabalho pessoal. A biblioteca deve ser o lugar onde os alunos se sirvam diariamente para complementar os conhecimentos adquiridos em classe. Aí eles devem realizar os trabalhos, não impostos e uniformes, mas propostos pelos professores e selecionados por eles mesmos, realizando assim um trabalho pessoal.

A biblioteca, pois, só estará em conjunção com a nova pedagogia da leitura, transformando-se num centro de documentação, incluindo, além dos livros, o material audiovisual utilizado por professores e alunos. Esta é a biblioteca que se integraria no ensino pregado pela nova pedagogia, que viria a personalizar a vida da escola. Para tal deveria transformar o bibliotecário comum num verdadeiro especialista da pedagogia da pesquisa e da leitura. Um bibliotecário que se relacionasse, como tal, com os diretores, os professores e os demais responsáveis pelos serviços educativos, para que pudesse delinear com segurança os métodos que permitissem à biblioteca atender aos objetivos da pedagogia moderna. Só assim, convivendo com os vários especialistas da educação (orientadores, psicólogos, assistentes sociais, etc.) o bibliotecário conseguirá o enriquecimento complementar exigido pela nossa época. A ele se oferecem as estruturas que permitem o diálogo, a compreensão, a liberdade de ação e a eficácia de cada um dos grupos, conforme a estrutura funcional (e não linear) que determina a administração escolar moderna, onde há níveis graduais de decisão e inter-relação de assistência, cooperação técnica e coordenação geral, conforme é ilustrado por Lourenço Filho (2).

“As funções de uma comissão de programas e chefias de departamentos de ensino tornam-se fundamentais quanto ao aspecto didático propriamente dito; as de um Serviço de Orientação Educacional, Biblioteca, e Organização de Atividades Sociais surgem como indispensáveis para que as escolas possam atender a seus objetivos educacionais de ordem geral inclusive em suas relações com a comunidade” (2).

O que importa, em resumo, é que cada especialista a serviço da educação procure se entrosar com os demais, formando um conjunto único, com os mesmos objetivos e com a mesma metodologia. O que importa é que sejam todos verdadeiramente educadores.

Abstract

The school library and Brazilian education at present

Since the traditional concept of the school library as a book store to supplement the teaching programs is now obsolete, its new function is to operate as a cultural and information center which handles and make use of different kinds of documents and audiovisual resources. In Brazil this new function is still neglected and many school libraries among the few ones which exist are inefficient. In order to integrate the school library in the teaching methods recommended by the new system of education, the librarian has to become a real specialist in the methodology of research and reading and to be able to establish fruitful relationship and collaboration with the educational specialists.

REFERÊNCIAS

1. BOURGEOIS, Jean-Marc. Le service de bibliothèques scolaires doit tailler sa place sous le soleil. *Bulletin de l'Association Canadienne des Bibliothécaires de Langue Française* 11 (4) :151, déc. 1965.
2. LOURENÇO FILHO, M.B. *Organização e administração escolar*. São Paulo, Melhoramentos, 1969, p. 155.
3. NISKIER, Arnaldo. *A nova escola; reforma do ensino de 1.º e 2.º graus*. 3. ed. Rio de Janeiro, Bruguera, 1971, p. 32.
4. SZPAKOWSKA, Janina Klara. Les multi-média à la bibliothèque scolaire. *Bulletin de l'Association Canadienne des Bibliothécaires de Langue Française* 15 (2) :74-79, juin 1969.
5. TREMBLAY, Alphonse. La bibliothèque scolaire face à la nouvelle pédagogie. *Bulletin de l'Association Canadienne des Bibliothécaires de Langue Française* 18 (1) :25-28, mars 1972.